

## Sentidos (In)visíveis: Análise das Representações da Pobreza nos Discursos de Moradores de Rua no Brasil<sup>1</sup>

Daniela Savaget Barbosa REZENDE<sup>2</sup>

Inesita Soares de ARAUJO<sup>3</sup>

Fundação Oswaldo Cruz, Rio de Janeiro, RJ

### Resumo

O artigo objetiva lançar reflexões sobre a pobreza a partir da análise de discursos de textos produzidos por moradores de rua, disponíveis nas comunidades da rede social Facebook Rio Invisível e Salvador Invisível. Partimos da ideia de que a Internet, como um campo de mediação de diversos outros campos, traz - ainda que estritamente pela fala dos designados pobres -, uma multiplicidade de vozes e sentidos reveladores de todo um contexto político e social referente à temática. Para a análise proposta, selecionamos dez textos, cinco de cada página, que nos permitiram verificar binômios como casa e rua; saúde e doença; suor e cansaço; referentes à pobreza brasileira. Também observamos uma forte presença de instâncias/áreas como Igreja, Escola, Família e Saúde, e a existência de um silêncio que remete à dor/sofrimento como evidência de negações dadas pela Rua a essa população.

**Palavras-chave:** Comunicação e Saúde; Invisibilidade; Pobreza; População de Rua.

### Introdução

*Amadeu poderia ter falado com toda essa fluidez, mas experimentamos silêncios entre uma resposta e outra, sempre precedida da palavra "difícil". Difícil sonhar, difícil dar conselho, difícil lembrar do passado, difícil saber o que quer fazer de agora em diante.*

Rio Invisível em Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil

O trecho acima finaliza o depoimento de Amadeu, 56 anos, disponível na comunidade do Facebook Rio Invisível, "um exercício de enxergar a vida pelas ruas da cidade", conforme descrito na própria página. O projeto teve início em São Paulo (a partir da comunidade SP Invisível), e hoje integra, além de São Paulo e do Rio de Janeiro, Curitiba, Salvador, Florianópolis, entre outras grandes cidades brasileiras.

É difícil não reconhecer a semelhança entre o silêncio que cerca a fala de Amadeu e o silêncio presente em outros depoimentos das comunidades descritas. É improvável também, não observar a relação entre esse silêncio e o par visibilidade e invisibilidade

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao GP Comunicação, Ciência, Meio Ambiente e Sociedade do XV Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutoranda do Programa de Pós- Graduação em Informação e Comunicação em Saúde do Icict/Fiocruz, email: [danielasavaget@gmail.com](mailto:danielasavaget@gmail.com).

<sup>3</sup> Pesquisadora do Laboratório de Comunicação e Saúde da Fiocruz (Laces/Icict/Fiocruz) e Professora do Programa de Pós- Graduação em Informação e Comunicação em Saúde do Icict/Fiocruz, email: [inesita.araujo@icict.fiocruz.br](mailto:inesita.araujo@icict.fiocruz.br).

presente nos binômios casa e rua; saúde e doença; suor e cansaço; tão recorrentes nos discursos relacionados à pobreza brasileira.

Trata-se de um assunto relativamente visível, quando pensamos em estudos e publicações na área, dos mais variados gêneros, ao redor de todo o mundo. No caso específico do Brasil, ganhou espaço ainda maior entre o corpo midiático (em suas diversas plataformas), econômico, político e social, a partir do Decreto n.º 7.492, de 2 de junho de 2011, que instituiu o Plano Brasil Sem Miséria (PBSM). O PBSM é voltado para os brasileiros extremamente pobres, definidos como aqueles cuja renda per capita familiar é considerada igual ou inferior a R\$ 70, e envolve ações que agregam transferência de renda, acesso a serviços públicos como educação, saúde, assistência social, saneamento e energia elétrica, e inclusão produtiva.

Definir a pobreza, entretanto, não é uma tarefa fácil, especialmente para um País com tantas desigualdades quanto o Brasil. Ao examinar a evolução da pobreza brasileira, aproximando pobreza e desigualdade de renda como duas realidades que caminham sempre juntas, Rocha (2003) define a pobreza como a insuficiência no atendimento de necessidades, que variam de acordo com os contextos socioeconômicos.

Segundo a pesquisadora, a pobreza assume duas formas diferentes: absoluta e relativa. A relativa, aplicada aos países desenvolvidos, está vinculada a uma condição mediana de vida proporcionada pela riqueza de cada país, que não está obrigatoriamente relacionada à carência de bens e serviços essenciais. Pobreza absoluta, por sua vez, confronta-se ao não atendimento de necessidades tidas como básicas, independentemente da riqueza nacional.

Para o primeiro grupo, a riqueza nacional não depende de sua distribuição. Para o segundo, a pobreza absoluta resulta de uma crônica desigualdade de renda, e, por consequência, do não atendimento às necessidades básicas.

Tais necessidades nos remetem diretamente para um dos eixos de atuação do PBSM: acesso a serviços públicos. Nesse eixo encontra-se a oferta de serviços especializados e continuados às pessoas em situação de rua, mendicância ou abandono, por meio de uma unidade pública e estatal da assistência social, o Centro de Referência Especializado da Assistência Social (Creas).

O morador de rua, ou mendigo, como muitas vezes é nomeado, está historicamente inscrito no contexto da pobreza absoluta: indivíduos vivendo com pouca comida, dinheiro e acesso aos serviços básicos, como educação e saúde. Mas o que esses homens,

classificados como extremamente pobres pela política brasileira e por estudiosos do campo têm a dizer sobre a questão? O que é pobreza para os sujeitos que experimentam essa realidade?

Muitos sentidos têm sido produzidos sobre o tema pobreza, mas não quando pensamos naqueles que, de fato, experimentam essa realidade. Para esses sujeitos, o que é pobreza? Que sentidos atribuem esse conceito?

Pensando nesses questionamentos, refletimos sobre a temática a partir de textos disponíveis no Facebook, outro contexto de mediação revelador - na realidade um campo midiático, logo um campo de mediação que une todos os outros campos, conforme aponta Rodrigues (1999). Sob a ótica da interface Comunicação e Saúde, a comunicação torna-se uma ação potencializadora da visibilidade. Pela comunicação, por exemplo, a população de rua é convidada a apresentar suas histórias, se fazer ouvir e ver. Via Internet, torna-se visível.

Entendemos, aqui, o tema da visibilidade/invisibilidade como um problema de saúde e de comunicação, que perpassa amplamente a questão da pobreza no espaço urbano brasileiro. A comunicação, seja pela sua ausência ou pela maneira como muitas vezes é tratada na saúde, pelo viés informacional, é indicador de negligenciamento (Araújo, Moreira & Aguiar, 2013). E o negligenciamento, neste campo, está diretamente relacionado à pobreza.

Este trabalho busca, assim, lançar reflexões sobre os sentidos produzidos sobre a miséria por pessoas em situação de extrema pobreza, por meio de discursos produzidos pela mídia que é considerada a mais importante para conseguir informações para os brasileiros: a Internet (IAB BRASIL, 2013). Para tanto, realizamos a análise de discursos de depoimentos como o de Amadeu, textos produzidos por pessoas em situação de extrema pobreza, disponíveis nas páginas do Facebook Rio Invisível e Salvador Invisível.

## **Metodologia**

A metodologia adotada foi a dos discursos sociais, com enfoque na ideia de contexto (Pinto, 1999) e na qual o discurso é visto ao mesmo tempo como processo de comunicação e prática social. Para realizar a análise proposta foram necessários alguns recortes. O primeiro deles, o recorte dos próprios textos a serem analisados, definidos como os cinco primeiros disponíveis em cada uma das páginas do Facebook Rio Invisível e Salvador Invisível. O outro recorte, geográfico, refere-se às regiões escolhidas (Rio e Salvador),

distintas política e economicamente, permitindo uma análise que entrelaça processos e contextos.

Para a formulação do Plano Brasil Sem Miséria (BRASIL, 2011b), foram utilizadas informações do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que identificou um conjunto da população que se encontra em situação de extrema pobreza segundo os dados do Censo Demográfico de 2010. De acordo com o IBGE, o País possui 16,27 milhões de pessoas em extrema pobreza (8,5% da população total), concentrados principalmente na região Nordeste, totalizando 9,61 milhões de pessoas (59,1%), em seguida no Sudeste (2,72 milhões) e no Norte (2,65 milhões), ambos com 17%, conforme tabela à seguir:

	Total de pessoas	%	Urbano		Rural	
			Pessoas	%	Pessoas	%
<b>Brasil</b>	16.267.197	100%	8.673.845	53%	7.593.352	47%
<b>Norte</b>	2.658.452	17%	1.158.501	44%	1.499.951	56%
<b>Nordeste</b>	9.609.803	59%	4.560.486	48%	5.049.317	52%
<b>Sudeste</b>	2.725.532	17%	2.144.624	79%	580.908	21%
<b>Sul</b>	715.961	4%	437.346	61%	278.615	39%
<b>Centro-Oeste</b>	557.449	3%	372.888	67%	184.561	33%

Fonte: Censo IBGE 2010. (\*) Domicílios particulares permanentes e ocupados

Logo, trabalharemos com as duas cidades inseridas nas regiões mais pobres, segundo dados apontados no lançamento do PBSM e, ao mesmo tempo, muito distintas: Salvador com 5,5% de pessoas em domicílios particulares permanentes com renda até R\$ 70 e Rio de Janeiro com 2,6%<sup>4</sup>.

### ***Brasil: País Rico é País Sem Pobreza***

A temática da miséria ganhou espaço no atual contexto social, político e econômico, especialmente a partir da política de distribuição de renda governamental, criada em 2011, que teve como frase mote: *Brasil: país rico é país sem pobreza*. No mesmo ano, o Decreto n.º 7.492, de 2 de junho, instituiu o Plano Brasil Sem Miséria, com a finalidade de “superar a situação de extrema pobreza da população em todo o território nacional” (BRASIL, 2011a, p.6). Para efeito de decreto, é considerada em extrema pobreza a família cuja renda per capita mensal seja de, no máximo, R\$ 70.

<sup>4</sup> Os dados aqui utilizados são do Censo IBGE 2010 e do aplicativo do Ministério de Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) desenvolvido para construção de mapas de pobreza (IDV - Identificação e Localidades de Famílias em Situação de Vulnerabilidades - atualizado em novembro de 2011). Desde então, um novo Censo ainda não foi realizado, afim de termos os dados da tabela atualizados. Porém, vale ressaltar, que após quatro anos do lançamento do PBSM, inúmeras publicações mostram os avanços (positivos) desses números a partir da iniciativa. O MDS criou, inclusive, uma página virtual que conta com relatos de experiências de pessoas que dizem ter saído das estatísticas apontadas como forma de legitimar esses avanços (site: <http://obrasilnoudou.mds.gov.br/>).

A Secretaria Extraordinária para Superação de Extrema Pobreza é a responsável pela coordenação das ações e pela gestão do PBSM, cujos objetivos se baseiam em três eixos: garantia de renda, inclusão produtiva e acesso a serviços públicos (BRASIL, 2011b). A perspectiva de enfrentamento da miséria no Brasil não teve início, entretanto, com o lançamento do PBSM. Na realidade, ao analisarmos os caminhos percorridos sobre a temática entre os diferentes governos brasileiros, percebemos que o Plano Brasil Sem Miséria busca incrementar as construções políticas de promoção e proteção social existentes entre 2003 e 2010 (período de gestão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva), como a Estratégia Fome Zero, inicialmente denominada Programa Fome Zero.

Podemos afirmar, ainda, que o Brasil Sem Miséria integra-se à tendência internacional de discussões teóricas em torno de modelos de desenvolvimento social e humano que buscam alinhar perspectivas práticas no que se refere às desigualdades estruturais dos países. Os Objetivos de Desenvolvimento do Milênio da Organização das Nações Unidas (ONU) para 2015 são um bom exemplo para refletirmos sobre essa perspectiva. O número de R\$ 70 para incluir os beneficiários do PBSM, por exemplo, é calculado a partir de referência do Banco Mundial, que utiliza uma média internacional de US\$ 1,25/dia para cálculo dos extremamente pobres. Este é o indicador de extrema pobreza adotado pelos Objetivos do Milênio para monitorar a meta de reduzir à metade a extrema pobreza até 2015.

Assim como as discussões sobre a pobreza no País não têm início a partir do PBSM, elas também não se esgotam no campo governamental. Esforços acadêmicos têm sido vistos na área, como a chamada pública de edital de bolsas de doutorado e pós-doutorado do Convênio Fiocruz/Capes - Brasil sem Miséria, com o objetivo de apoiar projetos que contribuam para o enfrentamento dos problemas relacionados ao PBSM.

No campo midiático, por sua vez, matérias especiais sobre a pobreza chamam a atenção de jornalistas em diferentes espaços. Neste ano, por exemplo, o jornal *O Globo* fez uma série de reportagens denominada *Os Miseráveis*.

Na Internet, não poderia ser diferente. Lançado em São Paulo pelos estudantes Vinícius Lima e André Soler, o SP Invisível é visto como um movimento com o objetivo de tornar visíveis histórias 'da pobreza', especialmente de moradores de rua na rede social Facebook. A iniciativa já virou referência para inúmeras cidades que criaram ações do mesmo tipo.

A rápida maneira como o SP Invisível serviu de inspiração para outras criações do tipo, reforça o ciberespaço como espaço de comunicação de caráter tratável em tempo real, hipertextual e interativo, conforme aponta Lévy (1999). Para o autor, as comunidades virtuais - que junto à interconexão, à cibercultura e à inteligência coletiva, teriam impulsionado o crescimento da Internet -, são constituídas devido a afinidades de interesses em cooperação ou troca, propõem novas construções de opinião pública, e oferecem ao debate coletivo práticas mais participativas do que as propostas pelas mídias tradicionais.

### **Condições de Produção**

Duas dessas comunidades virtuais são: Rio Invisível e Salvador Invisível. Rio Invisível possui 80.800 curtidas<sup>5</sup>, e se resume como um "um exercício diário de enxergar a vida pelas ruas da cidade - redirecionar o olhar para os que estão ali". Conta com um total de 65 depoimentos, o primeiro data do dia 18 de setembro de 2014 e o último do dia 8 de julho de 2015. Ainda em 2014, com apenas sete histórias, a comunidade já havia totalizado mil curtidas, número bastante significativo para a Internet. A iniciativa da página foi da jornalista Yzadora Monteiro e do publicitário Nelson Pinho, mas ela também conta com colaborações diversas.

Já a comunidade Salvador Invisível possui 3.719 curtidas e um total de 9 depoimentos, sendo o primeiro de 02 outubro de 2014 e o último de 18 de abril de 2015. Na descrição da página, encontramos o seguinte texto: "Por trás de toda beleza e todos os encantos de Salvador, existem histórias, sonhos e desejos de pessoas que passam ao nosso lado e não percebemos". A comunidade também conta com colaborações, mas não conseguimos identificar os nomes dos idealizadores da iniciativa. Como muitas outras do tipo, a página possui poucas atualizações, mas ainda é uma das mais ativas que conseguimos visualizar. No caso de Recife Invisível, por exemplo, a página foi criada aos moldes do SP Invisível, mas nenhum depoimento chegou a ser postado.

Todos os depoimentos das páginas (não só os analisados), tanto do Rio, quanto de Salvador, possuem fotografias do mesmo padrão: são coloridas, de meio corpo em sua maioria e não são fotos espontâneas, mas sim pousadas para a câmera. O tamanho dos depoimentos, por sua vez, varia bastante. Alguns são bem curtos, outros longos, e existem ainda os que são editados (neste caso, são sinalizados). Alguns contam com intervenções/perguntas durante os relatos e outros apenas com um comentário final (a

---

<sup>5</sup> Os dados referentes aos números de curtidas e também de depoimentos citados à seguir, de ambas as páginas, foram atualizados até o dia 11 de julho de 2015.

maioria). O nome dos responsáveis pelos depoimentos analisados, com foto e data dos registros encontram-se disponíveis na tabela a seguir:

Rio Invisível		Salvador Invisível	
Depoimentos	Data	Depoimentos	Data
Amadeu, 56 anos Flamengo 	18/09/2014	Zenilda, 64 anos Campo Grande 	02/10/2014
Sérgio 	20/09/2014	Alex da Silva, 23 anos Claudio da Conceição, 21 anos Campo Grande 	05/10/2014
Alessandra 	24/09/2014	Roberto de Abreu Oliveira, 31 anos Praça da Piedade 	08/10/2014
Sérgio 	25/09/2014	Sabrina, 29 anos Garcia 	16/10/2014
Guilherme, 20 anos Catete 	26/09/2014	Elton Souza, 30 anos Rio Vermelho 	20/10/2014

### **Contexto Existencial: Pé na Rua**

Apesar dos depoimentos aqui analisados possuírem características particulares, os sentimentos e os discursos repletos de afetividades envolvendo cada um deles (adoecimento, bem x mal, certo x errado, medo, risco, morte, família, Deus, trabalho, conflitos, etc.) mobilizam redes partilhadas de memórias acerca da pobreza em geral. A análise realizada aponta que há populações, no plural, e não um bloco homogêneo de pessoas com os mesmos perfis, histórias de vida e determinantes de suas condições de pauperismo. Porém, alguns contextos em meio a essas populações se replicam e nos permitem tratar da temática pobreza no coletivo.

Quanto ao contexto existencial - modo como as pessoas se situam no espaço, época, a que grupos sociais pertencem, qual sua história familiar e sua profissão (Araújo, 2000) -, por exemplo, verificamos que a maioria desses sujeitos nasceu em cidades distantes das que hoje residem (quatro que hoje moram no Rio e três em Salvador relataram não ter nascido nas capitais). A maioria dos sujeitos do Rio de Janeiro não descreveu a idade, em Salvador, por sua vez, todos fizeram. A partir das imagens e das descrições feitas, observamos que pequena parte possui menos de 30 anos (apenas um do Rio e dois de Salvador).

Apenas em Salvador os nomes completos foram descritos. Nas duas cidades, uma temática muito tratada é o trabalho, muitos afirmaram trabalhar, especialmente como catadores de latinhas. A figura do catador de latinha é bastante representativa, uma vez que há uma representação social do morador de rua associado à mão de obra barata à cata de materiais de reciclagem como papelão e latas, especialmente, que de alguma forma se configura nos discursos apresentados. A catação de materiais recicláveis constitui, para os sujeitos tratados, única forma de garantir sobrevivência e possibilidade de inclusão num mercado de trabalho do qual hoje são excluídos.

Vale ressaltar que nem todos os sujeitos citados no quadro são, de fato, moradores de rua (dois afirmam ter um lugar para dormir, mas um deles dorme algumas noites na rua para catar latinhas). De toda forma, ainda assim, todos estabelecem com a rua uma relação direta de moradia e sustento.

### **Contexto Situacional: Os Redundantes**

Quanto ao contexto situacional, este descreve como as pessoas se inscrevem numa determinada topografia social, referencia o lugar de interlocução que cada pessoa ocupa na sociedade (Araújo, 2000). No caso dos sujeitos citados, observamos que há uma inscrição



dessas pessoas para fora da sociedade, a sociedade é do outro, não delas. Elas ocupam um lugar fora da sociedade, conforme aponta Zenilda, de Salvador: "essas pessoas que vem de carro, os barões, porque eles não tem obrigação nenhuma, mas aí eu digo a eles: 'Boa noite, você não tem obrigação nenhuma de me dar meu filho, mas se tiver no seu alcance de me ajudar. Eu agradeço, a vocês'".

A fala de Alex da Silva, de Salvador, também demonstra tal perspectiva: "não me importo trabalhar pra sociedade, porque a sociedade não dá valor pra quem não tem estudo, porque se a gente não tem estudo nada vale nessa vida, então eu prefiro viver perto dos meus amigos que são minha família e que somos humilde".

Guilherme, do Rio de Janeiro, também reafirma a perspectiva que estar na rua é estar fora da sociedade, especialmente se não se tem documentos, se está invisível para as políticas públicas: "Eu espero que um dia eu alcance meu objetivo: sair da rua. Hoje mesmo tirei meus documentos. Só tá faltando a carteira de trabalho".

São os chamados redundantes, conceito de Bauman (2005) ao designar os desnecessários da sociedade, os objetos fora do lugar, aqueles que são obrigados a conviver com o resto da sociedade, o que é legitimado pela capacidade de trabalho e consumo:

“Ser declarado redundante significa ter sido dispensado pelo fato de ser dispensável – tal como a garrafa de plástico vazia e não-retornável, ou a seringa usada, uma mercadoria desprovida de atração e de compradores, ou um produto abaixo do padrão, ou manchado, sem utilidade, retirado da linha de montagem pelos inspetores de qualidade” (BAUMAN, 2005, p.20).

Redundantes, como Bauman (2005) destaca, não indica algo fora do padrão, como acontece com o desempregado. São pessoas que precisam ser providas de condições de sobrevivência permanentes, como demonstram os depoimentos:

"Não passo fome, né? Com dificuldade tá dando. Vou catando minhas latinhas, andando por todo o Rio. (...) Hoje eu vou lá pra Lapa pegar bastante latinha. Porque aí consigo juntar um bom dinheiro, uns 20 reais, e vou lá na rodoviária pra tomar banho e comprar bala pra vender" (Sérgio, do Rio de Janeiro);

"Não tiro muito, o suficiente para comer" (Alessandra, do Rio de Janeiro);

"(...) ando na rua, catando as latas e pedindo uns trocados pra sobreviver. Porque a situação tá braba" (Zenilda, de Salvador);

"(...) a gente que pensa assim 'eu estou morrendo de fome', tá morrendo de fome não, está com fome, mas morrendo de fome a gente não morre" (Alex da Silva, de Salvador).

### **Interdiscursos**

Refletir sobre os depoimentos apontados é, ainda, ponderar sobre a memória - o saber discursivo que torna possível todo dizer - e, neste caso, sobre a presença dos interdiscursos que se fazem presentes nesses textos, avaliando como os sentidos da pobreza foram sendo produzidos com base nos dizeres já construídos. Na análise realizada verificamos que existem muitos processos de significação desses discursos que estabelecem relações estreitas entre a casa e a rua, tendo a casa como espaço privado de conflitos, e a rua como espaço de solução temporária para os conflitos.

Porém, em um segundo momento, a rua se revela como uma situação miserável (ainda que não seja esta a nomeação utilizada), não só no sentido de falta de trabalho, de cama (lugar para dormir), de aconchego de família; como também no sentido pejorativo do termo: "a rua não traz nada, apenas destruição", na fala de Sabrina, de Salvador. Essas trocas de sentidos, a rua ora como solução temporária de conflitos e fuga da casa, ora como geradora de conflitos por falta de uma casa, se estabelecem em um processo de semiose infinita, conforme afirma Verón (1980), um sentido que liga ao outro, e ao outro.

Nesse aspecto, podemos analisar também os discursos aqui citados em seu caráter cultural: possuem definições sobre o certo e o errado, o justo e o injusto. Nas definições sobre o certo e o errado, observamos duas relações muito presentes nos depoimentos: trabalho e mendicância x roubo e malandragem:

"Sou uma pessoa necessitada, vivo no dia a dia pedindo esmola a Deus e ao povo, não sou ladrão nem marginal" (Roberto de Abreu, de Salvador);

"Trabalhar, dá certo e aí quando a pessoa trabalha certo ela não precisa nem trabalhar pra ninguém, ela trabalha pra você mesmo" (Elton Souza, de Salvador).

"Prefiro ganhar as coisas com o meu suor - ai de mim viver do suor dos outros" (Sérgio, do Rio de Janeiro);

"Já me chamaram pra roubar, mas não acho certo" (Guilherme, do Rio de Janeiro).

Tratam-se de depoimentos repletos de enunciados que exprimem afetividade e juízos de valor, segundo Pinto (1994) representam, então, modalidades enunciativas expressivas. As Operações de modalização apontam opções distintas e coerentes com as demais marcas (PINTO, 1994). Os discursos operam com diferentes modalidades, mas podemos perceber tendências dominantes, como a citada. Ainda no que se refere aos juízos de valor, entre o justo e o injusto, há uma tendência em não questionar a situação relativa à pobreza, com um discurso que revela uma presença da nomeação Deus:

"Tem que saber pedir as coisas a Deus, né? Eu peço amor e misericórdia (...)E o motivo pra eu seguir sorrindo é o espírito de Deus (...) Vou colocar seu nome na Igreja" (Sérgio, do Rio de Janeiro);

"Mas ta tudo indo bem, graças a Deus" (Alessandra, do Rio de Janeiro).

Além da forte presença da Igreja como Instituição predominante desses discursos, a Família e a Saúde também são muito citadas. A saúde, quando nomeada, aparece muito em oposição à doença.

"Tenho problema de cirrose. Cirrose é uma doença que pega na rua através do álcool, onde o álcool compromete tudo, você pega cirrose de uma hora pra outra. Agora independente eu estou procurando minha recuperação. Eu não bebo sempre, agora quando eu bebo, bebo demais" (Roberto de breu, de Salvador);

"Há uns dois anos atrás eu tive um acidente de moto, me machuquei e ai fiquei com problema na coluna" (Elton Souza, de Salvador).

## **Silêncios Significativos**

Existem, ainda, silêncios que remetem à dor/sofrimento como evidência de negações dadas pela Rua a essa população. Muitos expressam à dificuldade de falar, propriamente dita, como Amadeu, citado na Introdução do artigo, e Sérgio, do Rio de Janeiro, que afirma "Não consigo falar das minhas tristezas". Outros experimentam depoimentos curtos, que necessitam de questionamentos, como o outro Sérgio, também do Rio de Janeiro, que teve o depoimento entrecortado por perguntas.

O silêncio, ao contrário do que apresenta ser, não é o oposto da comunicação, já que os silêncios também exprimem sentidos. A dor, por exemplo, pode ser expressa pelo grito, ou silêncio, como é o caso nos depoimentos citados. Assim, pensamos o silêncio a partir da sua relação com o dizível e o indizível, sendo importante entender o que propõe Orlandi (2007), que há um modo de estar em silêncio que corresponde a um modo de estar em sentido e, de certa maneira, as próprias palavras transpiram silêncio. A autora defende que estar em silêncio corresponde a um modo de estar em sentido e que ao estudar o silenciamento observamos o processo de produção dos sentidos silenciados, entendendo uma dimensão específica do não dito.

## **Considerações Finais**

É inegável que exista, na sociedade, diferentes histórias e narrativas referentes à população de rua e o cenário da pobreza urbana no Brasil. Sujos, alcoolizados, sujeitos às drogas e à exploração da mão de obra barata associada como à cata de materiais de reciclagem são alguns dos termos que costumamos ouvir quando pensamos no senso comum, que hora repetem-se nas narrativas das pessoas que de fato experimentam essa realidade, ora não.

Por meio da análise dos discursos, com enfoque nos contextos (Pinto, 1999), buscamos algumas memórias partilhadas quando o assunto é a pobreza exposta por meio de depoimentos de moradores de rua disponíveis na maior rede social do Brasil, o Facebook. Conforme nos lembra Pinto, "as narrativas têm um papel central no que se chama de natureza humana. As histórias contadas pelas pessoas são fundadoras de sua identidade social e a construção de um história de vida é crucial para nossa auto-identidade" (Pinto, 1999, p. 87). Assim, as histórias aqui relatadas nos remeteram a binômios como casa e rua; saúde e doença, suor e cansaço; quando a temática é a pobreza brasileira.

Também observamos uma forte presença de instâncias/áreas como Igreja, Escola, Família e Saúde, e a existência de um silêncio recorrente nos discursos, que remete à dor/sofrimento como evidência de negações dadas pela Rua a essa população. Silêncio, como o de Amadeu, responsável por um depoimento tão curto, quanto significativo da experiência aqui relatada. É esse relato que reproduzimos na íntegra a seguir:

*"Meu nome é Amadeu, vim da Paraíba para o Rio aos 20 anos. Na época, me indicaram para um trabalho de decoração em uma loja do Catete. Houve um desentendimento e saí de lá, mas não do bairro. Gosto daqui, tem a praia pra ver... Vou ficando. Estou sempre com o rádio para ouvir música, mas agora ele pifou."*

*Amadeu poderia ter falado com toda essa fluidez, mas experimentamos silêncios entre uma resposta e outra, sempre precedida da palavra "difícil". Difícil sonhar, difícil dar conselho, difícil lembrar do passado, difícil saber o que quer fazer de agora em diante. Ele diz que, se for para viajar de novo, só para Paraíba. Mas tem medo, pela possibilidade de estar tudo diferente. Então, vai ficando.*

*Difícil. Perguntei quantos anos ele tem: "42, sou de 1958". Não quis avisar que, na verdade, são 56. O tempo é a gente que faz.*

(Rio Invisível em Flamengo, Rio de Janeiro, Brasil)

### Referências Bibliográficas

ARAÚJO, I.S. **A Reconversão do Olhar**: prática discursiva e produção dos sentidos na intervenção social. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2000.

ARAÚJO, I.S.; MOREIRA, A.L.; AGUIAR, R. **As doenças negligenciadas e a comunicação: três afirmações e muitas questões**. Montevideo, XI Congresso Latinoamericano de Investigadores de la Comunicación, 2012.

BAUMAN, Z. **Vidas Desperdiçadas**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BRASIL. Decreto n.º 7.492, de 2 de junho de 2011, Institui o Plano Brasil Sem Miséria. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**. Poder Executivo, Brasília, DF, 3 jun. 2011a. Seção 1. p. 6-7. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7492.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2011/Decreto/D7492.htm). Acesso em 11 de julho de 2015.

\_\_\_\_\_. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Plano Brasil Sem Miséria**. Brasília: DF: MDS, 2011b.

IAB Brasil. **Brasil Conectado – Hábitos de Consumo de Mídia – 2013**. Publicado em: 08 de mai. 2013. Disponível em <http://pt.slideshare.net/comunicacaoiab/iab-brasil-2-onda-brasil-conectado>. Acesso em 11 de julho de 2015.

LÉVY, P. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34, 1999.

ORLANDI, E. P. **As formas do silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª ed. Campinas: Unicamp, 2007.

PINTO, M.J. **As marcas lingüísticas da enunciação**: esboço de uma gramática enunciativa do português. Rio de Janeiro, Numen, 1994.

\_\_\_\_\_. **Comunicação e discurso**. São Paulo: Hacker Editores, 1999.

ROCHA, S. **Pobreza no Brasil**: afinal de que se trata? 3ª ed. Rio de Janeiro: FGV, 2007

RODRIGUES, A.D. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Presença, 1990.

VERÓN, E. **A produção do sentido**. São Paulo: Cultrix/Edusp, 1980.